



O desafio de uma sociedade envelhecida

Debate Sistema de saúde Catarina Resende de Oliveira

A saúde é um bem essencial e o direito à saúde é um dos mais importantes factores de coesão social. O sistema de Saúde português assente no Serviço Nacional de Saúde universal e geral, ao garantir a igualdade de acesso e a equidade de cuidados, desempenha um papel ímpar como elemento determinante do bem-estar social.

Apesar das virtudes que todos lhe reconhecem, o Serviço Nacional de Saúde (SNS) vê todos os dias a sua sustentabilidade ameaçada. Cabe-nos a nós, como cidadãos, identificar as ameaças e procurar encontrar uma fórmula que permita respeitar a sua integridade num momento em que a contenção orçamental e a redução dos gastos em Saúde são imperiosas.

São vários os desafios que o SNS enfrenta. Alguns relacionam-se com a organização interna e as lideranças, outros decorrem dos avanços tecnológicos, e os de maior fôlego resultam da alteração dos estilos de vida e do envelhecimento das populações, pela consequente mudança dos padrões de morbilidade e mortalidade em que o “desgaste” causado pelas doenças crónicas se faz sentir.

O aumento da esperança de vida associado a uma taxa de natalidade relativamente baixa fizeram da Europa não só um velho continente mas sobretudo um continente envelhecido. Portugal segue a tendência europeia, acentuando-a, e os dados demográficos mostram um envelhecimento progressivo da população. Em 1960 os indivíduos com mais de 65 anos constituíam 8% da população, em 2007 esta percentagem subiu para 17%, e as projecções para 2050 prevêem um aumento para 32%. Estima-se que a faixa etária acima dos 65 anos consuma quatro vezes mais cuidados de saúde do que as restantes faixas etárias. Esta faixa de indivíduos mais idosos apresenta uma maior susceptibilidade para o desenvolvimento de doenças crónicas e de incapacidade. Igualmente relevante é o facto de um terço dos nossos idosos com mais de 75 anos passar mais de 8 horas por dia sem companhia e um quinto viver só. Nesta faixa etária o número de anos de escolaridade (5 anos em média) é baixo e a prevalência de iliteracia é alta, particularmente entre as mulheres mais idosas (21,1% versus 4,9% nos homens na mesma faixa etária). O isolamento a que os idosos estão sujeitos, bem como a sua elevada iliteracia são factores de agravamento de doença na medida em que atrasam o diagnóstico e dificultam a intervenção terapêutica.

Esta alteração demográfica do país tem um “peso” marcado no desenvolvimento e na sustentabilidade do nosso sistema de Saúde, prevendo-se que venha a estar associada a um aumento dos gastos públicos de cerca de 2% do PIB nos próximos anos. Se as doenças cardiovasculares e cerebrovasculares, juntamente com as doenças oncológicas, são importantes causas de morte no adulto, as doenças neurodegenerativas, para as quais a idade é o principal factor de risco, estão entre as mais incapacitantes.

Na Europa, estima-se que as doenças do cérebro são responsáveis por 35% do “desgaste” na Saúde, o que traduz, por um lado, a sua natureza incapacitante, e, por outro, o facto de as pessoas viverem com elas durante vários anos, já que falamos de doenças crónicas e lentamente progressivas. É assim cada vez mais provável que, à medida que a idade avança, se assista ao aumento da prevalência das doenças crónicas, tais como doenças cardiovasculares, a diabetes e as doenças

neurodegenerativas, como a demência, particularmente a doença de Alzheimer, sendo ainda frequente a associação entre elas. Salienta-se que são doenças com impacto não só na Saúde como na qualidade de vida, na capacidade de trabalho e nas relações sociais. Envolvem assim, para além dos custos directos essenciais à sua prevenção e tratamento, os custos indirectos e custos intangíveis imputáveis aos cuidados informais e, raramente contabilizada, repercussão na família e nos cuidadores. Estas doenças crónicas estão intimamente relacionadas com o envelhecimento, e também com o estilo de vida, o que não pode ser desvalorizado ou esquecido quando se definem estratégias de prevenção e de suporte para um envelhecimento activo.

Quando se discutem as alterações ao modelo de financiamento ou ao modelo de gestão do Serviço Nacional de Saúde, as necessidades crescentes e a aposta na saúde de uma população que envelhece não poderão ser ignoradas, sob pena de, por pura inércia, correremos o risco da incerteza da sua sustentabilidade.

Professora catedrática e presidente do conselho científico da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra



A aposta na saúde de uma população que envelhece não poderá ser ignorada

